

TRÊS ANDAIMES DE PESQUISA DE MESTRADO E DE DOUTORADO: discussão a partir da dissertação de Marielle Franco

Rogério Lustosa Bastos¹
Robson de Aguiar Oliveira²

Introdução

É no encontro que a hora soa e se perfila o maravilhoso (BRETON, Nadja, 2022, p. 149).

Instigante é a arte de se criar uma pesquisa de mestrado e de doutorado, pois afora ser necessário uma metodologia e técnica, essa arte de pesquisa não se reduz a isso. Ela, antes de tudo, é a criação de um *bom encontro*³ entre nossa singularidade e um objeto, que se inicia introdutoriamente através de um projeto. Este é também erguido tanto por parâmetros acadêmicos (problema científico, levantamento biográfico, escrita acadêmica, ABNT etc.), quanto por nossos sonhos mais doces: imaginação, disciplina e garra. Ora, embora esses dois procedimentos sejam importantes, porém sem articulá-los com questões metodológicas/ técnicas e com um pressuposto teórico (autores ou um autor de base), eleito principalmente para nos ajudar a interpretar os dados coletados, não concretizaremos nossa pesquisa. Enfim, para que se estruture e se planeje a pesquisa, a rigor, faz-se necessário pensá-la através de três andaimes básicos: o andaime acadêmico, o andaime metodológico e técnico e o andaime teórico-político.

Isso implica que assim como no mundo concreto, ao se desejar arquitetar uma moradia, lançamos mão de andaimes, para elaborarmos uma pesquisa, no território da ciência, também fazemos o mesmo. Sim, de um lado, existem andaimes para se construir uma casa de dois andares, andaimes para levantar um prédio de 10 andares, andaimes para se edificar um aeroporto, uma rodoviária etc. De outro, há andaimes para se construir uma pesquisa

¹ Professor Titular da ESS/UFRJ e do PPGSS-UFRJ, entre outras publicações destacam-se: *Pensamento de Marcuse versus capitalismo tardio*. RJ: Editora Azougue; *Ciências humanas e complexidade: métodos e técnicas de pesquisa*. O Caos e a Nova Ciência. Juiz de fora: UFJF.

² Mestrando do PPGSS-UFRJ, Membro do Grupo de Pesquisa: Estudos sobre marxismo, teoria crítica e subjetividades (EMARC-UFRJ).

³ Bom encontro, aqui, tem proximidade com Espinosa (1991), o qual, em síntese, diz o seguinte: a) trata-se de experiência *sui generis* construída por uma singularidade em interação com um outros. Quando tal fato ocorre, busca-se compor mais com os afins e menos com os não-afins. Tal outro, às vezes é um outro humano, às vezes é um encontro com a arte (literatura, teatro, artes plásticas etc.), com uma causa política, com a ciência, com a natureza, com os animais e assim por diante. (b) daí que, na visão de Espinosa, quando nos esforçamos principalmente para buscar o lado de “afinidades” com o outro, tentando deixar de lado aquilo que é o seu oposto, estamos tendo um critério ético. Evidentemente, sabedoria é conseguir transformar os “maus encontros” em “bons”, mas investir nesse “entendimento ético”, já se dá um passo importante para se tentar construir algo significativo a partir do “bom encontro”. (c) ademais, se é impossível o homem viver apartado de qualquer grupo social, cada um de nós se constrói e se reconstrói -inclusive se ergue ou não- através de um pêndulo entre os bons e os maus encontros. Sim, “encontros” que nascem e se sedimentam quando aprendemos a colocar, inclusive nossas quedas, a favor do humano (para nós e para o outro), pois ao fazermos o contrário, haverá mais experiência com o funesto e não com o maravilhoso e sublime (ESPINOSA, 1991; SILVEIRA, 1995).

teórica, andaimes para erguer uma pesquisa de campo, para se fazer uma pesquisa de laboratório, uma pesquisa de ação-participante e assim por diante.

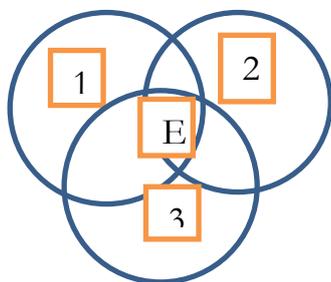
Diante disso, o objetivo fundamental deste capítulo é apresentar e desenvolver esses três “andaimes” como uma discussão vital para elaborar o projeto e a própria concretização da investigação, notadamente através da escrita, na dissertação de mestrado e na tese de doutorado. Para ilustrar, traremos a dissertação de mestrado de Marielle Franco, a qual, defendida na UFF, em 2014, foi publicada posteriormente, com o mesmo título em livro: “UPP, a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro” (FRANCO, 2018).

Três andaimes de pesquisa: debate a partir da dissertação de Marielle Franco

A busca do saber e da libertação pode ser saciada? – Esta talvez fosse a indagação de Minerva, a deusa da sabedoria, ao andar pelo campus tanto da UFRJ (que tem como símbolo a própria Minerva), quanto de qualquer campus de uma universidade brasileira. De outro, também poderia ser a pergunta de uma estudante de pós-graduação moradora da favela da Maré, a qual, após concluir, como bolsista, sua graduação em ciências sociais na PUC/Rio, ingressou no mestrado de administração da Universidade Federal Fluminense. Tudo isto, antes dela ser eleita vereadora e se tornar uma líder dos moradores das favelas e do antirracismo, bem como das questões de gênero e do LGBTQIAPN+. Sim, estamos falando de Marielle Franco e, quiçá, de muitos estudantes brasileiros, os quais, atualmente, principalmente através do sistema de cotas, não só ingressam na graduação como também em diferentes pós-graduações pelo Brasil afora.

Em relação ao mestrado de Marielle, escolhemos trazer à tona a sua dissertação, pois, a nosso ver, contém ilustrativamente os três andaimes de pesquisa. Assim, abaixo, para se ter um panorama dessa ideia, sugerimos que se observe a Figura 1.

Figura 1
(Três andaimes de pesquisa)



1= andaime acadêmico; 2= Andaime metodológico; 3= Andaime teórico-político; E= Escrita criativa

(1) Andaime acadêmico

Trata-se, aqui, do desenvolvimento de uma série de pontos acadêmicos, os quais, uma vez compreendidos e adotados pelo pesquisador, sistematizarão à pesquisa e à escrita. Eles, em síntese, são: o problema científico (questão de estudo), pesquisa bibliográfica, formatação do texto (capa, contracapa, letra, tamanho, margens etc.), citação bibliográfica pela ABNT (seja no corpo do texto, seja no fim), formatação em geral do texto da pesquisa, diferentes tipos de escrita acadêmica, conversa com o especialista (orientação), fichamento/ estudo individual, cronograma etc.

Visando o domínio desses pontos, há várias obras que poderão ajudar o pesquisador, entre elas, sugerimos as seguintes: Souza (2016), Alves (2000), Bastos (1999). Independentemente disto, ainda sobre esse “andaime”, para exemplificar, destacaremos dois deles: o problema científico e a escrita acadêmica.

Quanto ao problema científico, ressaltando a sua importância no processo científico, diz-nos Bachelard, que sem o problema científico, não há pesquisa. Porque, além desse “problema” ser a porta de entrada mais razoável para começarmos nossa investigação, é através dele que não só teremos as palavras-chave, as quais não só nos darão base para se fazer um levantamento bibliográfico (inclusive nas bases do Scielo), como também faremos uma pergunta vital para essa investigação. Ora, tal pergunta norteará os capítulos da dissertação ou da tese, debatendo essa indagação com cada um dos dados e reflexões levantadas pela escrita de cada capítulo, até chegarmos às conclusões. Aqui, depois de se passar por cada etapa da pesquisa, espera-se que se chegue a uma “resposta” da pergunta inicial, de forma que se possa afirmá-la ou refutá-la. A rigor, todo problema científico, de um lado, poderá ser formulado dentro de um campo instituído da área de pesquisa pretendida, o que, neste particular, Bachelard discutirá que tal “instituído” é o lugar que se cria indagações favoráveis ao “obstáculo epistemológico”. Este, para o autor em debate, tende a conservar à visão do estabelecido do campo de pesquisa, opondo-se ao novo e tudo aquilo que pode pôr por terra os pressupostos da área da pesquisa até o momento. De outro, tal problema científico poderá ser formulado fora desse campo dominante, ou seja, poderá ser mais uma indagação “contra instituída” (sinônima das forças instituintes), forças que falam de visão de “fora da curva”, à margem da área de pesquisa cujos pressupostos afirmam o hegemônico. Neste caso, tal formulação é erguida a partir do campo de “ruptura epistemológica” (BACHELARD, 1985; 1996)⁴.

Marielle, na sua dissertação de mestrado, a nosso juízo, formulou um problema mais para o campo da ruptura epistemológica no que tange à discussão das UPPS, ou seja, tal “problema” estava a favor dos moradores, e não de ordem que oprime e vê a favela não como um lugar de cidadãos com direitos plenos, mas sim um território propício ao crime, ao desvio. Daí que quando se pensa em intervenções concretas para tal território, como a dita política de segurança pública através das UPPs, faz-se um plano de guerra, opta-se pela militarização, pela conquista de um território mais pelas armas e não por políticas públicas de direitos plenos. Em outras palavras, parece-nos que a pergunta da Marielle apontou para

⁴ Para quem quiser se aprofundar na discussão do problema científico, inclusive para criá-lo a partir de um conjunto de características em termos suas técnicas, ver: Bastos (1999).

o seguinte: “Até que ponto as UPPs nas favelas do Rio de Janeiro rubricam mais o estado militarizado, do que o Estado de cidadania plena para os moradores dessas regiões?”

Quanto à discussão da escrita acadêmica e suas várias formas de expressão na dissertação de mestrado, na tese de doutorado e nos artigos científicos, vamos transferir essa discussão para um ponto adiante, que desenvolveremos ainda neste artigo.

(2) Andaime do método e da técnica de pesquisa

Discutir o método e a técnica de pesquisa, em tese, é demarcar uma distinção entre um fator e o outro. Enquanto o método se refere ao “como” criar o saber científico de forma geral, baseado em uma sistematização, de outro lado, a técnica diz respeito ao “como” fazer esse mesmo saber, mas de forma específica. Entretanto, se há uma unanimidade nessa literatura, ela reside na seguinte defesa: não há trabalho sério em pesquisa, que não mostre o “como” se criou aquele conhecimento sistematizado, seja do ponto de vista metodológico, seja do ponto de vista técnico (Quivy & Campenhout, 1992; Moura, 1998; Andrade, 1995).

Em função da proposta de investigação do objeto, podemos lançar mão de diferentes métodos, ou seja, há o método bibliográfico, o método dialético, método estatístico, método monográfico ou de estudo de caso, método de pesquisa de campo, método de pesquisa-ação, método de pesquisa de laboratório etc. Assim, com há várias técnicas de pesquisa, dentre as principais, ressaltamos: técnica de entrevista participante; técnica de entrevista livre, técnica de entrevista semi-livre, técnica de entrevista fechada (Andrade, op. cit.; Bastos, 1999, Souza, 2016).

Diante disso, de uma parte, recomendamos a leitura de um desses livros de métodos e técnicas vigentes, os quais já foram inclusive citados acima. De outra, sugerimos que o pós-graduando discuta esse ponto específico com seu orientador ou orientadora a fim de desvendar qual desses métodos e técnicas é mais promissor para o seu trabalho. Na dissertação que estamos debatendo, a Marielle escolheu, por exemplo, o método de estudo de caso (discutir e delinear o que se chama de favela no Rio de Janeiro, problematizando-o junto da proposta de segurança através das UPPs). Do ponto de vista das técnicas: ela usou as técnicas de leitura para pesquisa documental (estudou as leis, atas e decretos do Estado do Rio sobre segurança pública e implantação das UPPs para as favelas no Rio, dentro de um corte específico de anos). Isto sem contar que, Marielle usou também das técnicas de pesquisa-participante a partir de grupos de moradores das favelas do Rio, os quais procuraram nesse período determinado à Comissão de Direitos Humanos, da Alerj, presidida pelo Deputado Marcelo Freixo (PSOL-RJ). Sim, nesta ocasião, Marielle não só fazia mestrado, mas também trabalhava como assessora desse deputado.

(3) Andaime teórico-político

Este andaime se refere a escolha de um ou de mais autores que embasam o trabalho de pesquisa, ou seja, ele ajuda na leitura problematizadora junto dos dados levantados pelo pesquisador, sejam recolhidos nas fontes de papel, sejam nas de pessoas. Para ilustrar, voltemos a dissertação da Marielle: ela como se viu, fez uma pesquisa documental e uma observação participante com os moradores das favelas que buscavam à Comissão de Direitos

Humanos da Alerj. Então, depois disto, ela passou a tratar esses dados coletados não só junto de seu problema científico, mas agora interpretando-os de acordo com o pressuposto teórico escolhido.

Ressalte-se que essa escolha é vital, sobretudo, porque caso se escolha um autor ou autores conservadores e até reacionários (desses que defendam caminhos totalitários), a interpretação desses dados tenderão a seguir a tendência ou a leitura desses autores com sua visão própria de mundo. No caso da Marielle, tomou-se um caminho interpretativo contrário ao conservadorismo e totalitarismo, ou seja, ela escolheu como pressuposto teórico Wacquant (2007, 2011, 2008). Sim, aqui, Marielle Franco escolheu tal autor, o qual está dentro de autores da perspectiva de que as misérias humanas são criadas historicamente pelo próprio homem, logo ele próprio, organizando-se, pode também as modificar⁵.

Os três andaimes de pesquisas, como vimos, se entrecruzam, formando um ponto de interseção (ver letra “E”, na figura-1). Ainda que se possa defender que esse ponto de interseção seja sinônimo de elaborar a pesquisa através do projeto, porém, o mais plausível é debater tal interseção através da escrita acadêmica criativa. Sim, é ela e não o “projeto” que dá sentido aos três andaimes para que se concretize nossa investigação, fato que debateremos a seguir.

Escrita acadêmica criativa e divulgação científica, mas para quem?

Pignatari (1987), inspirando-se em Peirce, traz contribuições para divulgação científica, “divulgação” que não se restringe apenas aos especialistas, defendendo que cientistas e poetas têm muito mais em comum do que se imagina, pois ambos são criadores de signos. Signos, aqui, são vocábulos que podem não só ser inventados, como também são palavras que podem ser agrupadas visando dar um significado singular para algo que até então era intraduzível no real. Como exemplo, existe o livro “Os sertões” de Euclides da Cunha, o qual quando publicado, quebrou o sentido de uma história única contra Antônio Conselheiro (Cunha, 2019; Adichie, 2019). De outro lado, há os estudos do jovem Einstein que, à época, colocar por terra uma física clássica, principalmente através de uma equação inédita: “ $E=mc^2$ ” (Einstein, 1999; Bondanis, 2001).

Divulgação? Que divulgação científica? Neste artigo a escrita acadêmica tem relação estreita com a divulgação científica. Tal “divulgação”, segundo Bastos (2013) e Mora (2003), pode ser discutida por três principais perspectivas: (1^a) existe a escrita feita por doutores para os próprios doutores: trata-se de expressão que se restringe exclusivamente à vida dentro dos muros da universidade e dos centros de pesquisa. (2^a) há a escrita da autoajuda ou da “divulgação *Coach*” que simplificam a ciência: aqui, embora se quebrem esses “muros”, essa “divulgação” não é profissional no melhor sentido da palavra, pois tanto banaliza à ciência, quanto lança mão de argumentos baseados até em Fake News em prol

⁵ Além de Wacquant, há outros autores que estão também na escrita de Marielle de forma não explícita. Tal fato ocorre, talvez, porque o seu trabalho de mestrado foi o primeiro e único dessa pessoa que começava na área de pesquisa através do mestrado na UFF, mas que teve sua vida interrompida por assassinos que tentaram calá-la. Dentre esses autores que estão ali, mas de forma implícita, pois, por exemplo, caso fizesse doutorado, ela os conheceria, destacamos: de um lado, em termos das lutas pela negritude: Moura (2019), Munanga (2020), Césaire (2022). De outro, em relação ao marxismo e causas antirracistas: Robinson (2023), Rodney (2022).

de interesses apequenados. (3^a) existe a escrita criativa na academia: diz respeito a uma expressão que busca unir a arte com a ciência, fato que ajuda grande parte da população a fim de decifrar a linguagem hegemônica, a qual, até então, vem se expressando os pesquisadores. Ajuda porque funciona como uma espécie de ponte entre às pesquisas produzidas pela universidade/ centros de pesquisa e essa população, notadamente para que ela entenda essas pesquisas⁶.

Evidentemente, é a escrita criativa que este artigo defende. Ela é a escrita que ao lançar mão da arte, o faz porque através de metáforas, figuras de linguagem e outros fatores estéticos, essa “divulgação” aumentará nossas chances de alcançar o grande público, porém sem banalizar os resultados das pesquisas e sem negar a considerada verdade factual. O interessante ainda é que tanto a dissertação da Marielle Franco, quanto o livro que foi publicado sobre essa dissertação, também adotam a expressão da escrita acadêmica criativa. Sim, Marielle expressa as questões mais complexas, mas em uma linguagem que não buscou ficar apenas no plano dos “doutores para doutores” e nem tem a ver com esse negócio da expressão coach, a qual diz que veio para revolucionar, mas, na realidade, faz é uma revolução cosmética. Assim, a dissertação da Marielle desconstrói o mito salvacionista das UPPS que em vez de realmente estar a favor da grande parte da população excluída, no fundamental, está ali, infelizmente, para servir não o cidadão, mas os negócios privados por meio da militarização⁷.

Não há “receitas de bolo” para que se desenvolva a escrita criativa, existem estudos, tais como o de Becker (2015), King (2015), Tokarczuk (2023), Beto (2017), Lodge (2009), Saer (2022), Marchioni (2021), Eagleton ((2019), Faguet (2009), Carrero (2022), entre outros, indicando que o talento de escrever, em geral, pode ser desenvolvido a partir de uma série de pontos. Dentre eles, destacamos: (a) ler muito. Sim, aqui, é praticamente impossível ser escritor sem a paixão de ler. (b) ter disciplina, garra e persistência para perseguir seus objetivos, ainda que seus manuscritos tenham sido rejeitados. Entretanto, não obstante tal persistência, ter ouvidos para críticas construtivas que podem aprimorar seu talento diante de cada suposto fracasso. (c) desenvolver uma sensibilidade para enxergar detalhes e aspectos que fogem ao senso comum, ou seja, além da paixão de ler, frequentar exposições, debates, fazer uma universidade, mas principalmente ousar viver, adquirir experiências entre os desafios, desencontros, encontros, quedas da existência. (d) ter um planejamento para fazer sua obra, mas, ao mesmo tempo, lidar com o inesperado que pode lhe dar excelentes intuições para a sua escrita. Umberto Eco, por exemplo, diz que quando estava prestes a concluir seu doutorado, teve um branco na sua escrita. Ficou meses assim, até que, por um feliz acaso, quando estava em outra cidade, adentrou pelas portas de um sebo – desses bem ruins para os padrões. Porém, foi justamente ali, perdido entre estantes velhas e empoeiradas, que ele achou um livro que o ajudou significativamente na conclusão de seu trabalho, no sentido de lhe dar a ideia que faltava para ele poder ligar os pontos (ECO, 2010; 1992).

⁶ Ainda sobre a literatura da divulgação científica, em termos de uma leitura introdutória, sugere-se o estudo de Vieira (2006).

⁷ Na academia, além da Marielle Franco, observam-se muito outros trabalhos que também estão preocupados com essa divulgação que pode atingir o grande público. Aqui, agora para ressaltar um desses trabalhos que tem tal preocupação, mas se expressam muito próximos ao campo literário, sugerimos que se leia: Hartman (2022).

Considerando que em outro trabalho se debateu a questão da escrita acadêmica criativa e a estética de Marcuse, a qual visava tanto iniciar o leitor para a escrita criativa na academia e ainda fazia relação com a problematização da consciência crítica por essa estética (Bastos, op. cit), agora, neste artigo, defende-se a ideia de se implementar esses conteúdos através de um curso de escrita para alunos do mestrado e do doutorado. O referido curso, no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS-UFRJ) tem o seguinte título: “Escrita acadêmica da tese, da dissertação e de artigos: divulgação e contra divulgação científica na cultura capitalista (ver o programa em questão: www.ess.ufrj.br/ na pós-graduação, disciplinas mestrado doutorado 2023.2).

Esse programa, em síntese, tem três unidades⁸: Unidade I - apresenta-se o conceito de escrita acadêmica, debatido com os três tipos de divulgação científica, como já exposto, bem como discute-se esse conceito através da escrita criativa. Esta une conteúdo das pesquisas com a linguagem artística, literária. Unidade II- considerando que a divulgação que sugerimos busca apoio na arte literária, trazemos, nesta unidade, uma discussão das principais técnicas de escrita literária: escrever é achar sua própria voz; escrever literatura é usar a teoria dos dados escondidos; escrita literária e exposição das vísceras (escrita do mal ou do politicamente incorreto); escrever literatura é aprender com os grandes escritores (a técnica da escrita do detalhe, do gesto etc.); escrita literária e experiência; regra de ouro da escrita literária. Unidade III- neste particular, debateremos com os alunos uma série de contos clássicos, os quais, além de treiná-los para que desenvolvam a paixão de ler, fato vital para o escritor, vamos apresentá-los aos autores importantes da literatura nacional e estrangeira, sobretudo, visando lhes dar elementos para que possam conhecê-los e extrair metáforas e outros trechos dessas obras que os ajudem na construção de uma divulgação que realmente crie uma ponte de compreensão entre as pesquisas e o público leigo.

Para ilustrar sobre essas oficinas de escrita, as quais, entre outras obras, foram inspiradas em Cortázar (2015), Zinsser (2017), Koch (2008), Kundera (2009), vejamos duas situações: (a) vamos supor que o discente do mestrado ou do doutorado tenha a pretensão de investigar um objeto que analise a questão da opressão sobre a mulher negra e a sociedade machista, misógina, patriarcal. De um lado, esse discente necessitará fazer um levantamento bibliográfico, por exemplo, sobre os artigos dos últimos dois anos que foram publicados na base scielo com quatro palavras-chave (mulher negra, racismo, cultura patriarcal, misoginia). De outro, vamos sugerir que o seu pressuposto teórico seja a Lelia Gonzales, em especial, o livro “Por um feminismo Afrolatino americano” (Gonzales, 2020). Sim, do ponto de vista metodológico, vamos pensar que hipoteticamente esse discente more na favela da Maré e tenha acesso a uma unidade de saúde em que pode fazer um grupo de reflexão com as mulheres negras que sofrem um processo de violência e de toda sorte de discriminações sob tal cultura machista, misógina e patriarcal. Então, será sugerido que faça um grupo de reflexão com tais mulheres e se adote uma técnica de pesquisa-ação. Do ponto de vista da escrita criativa, pode-se lançar mão dos livros de Carolina de Jesus (Jesus, 2021; 2020) e de Conceição Evaristo (EVARISTO, 2021; 2019).

Ainda para exemplificar, o mesmo pode ser feito com outras temáticas e as oficinas de escrita criativa: o aluno apresenta seu objeto, sugerimos que ele leia artigos e tenha um

⁸ Esse curso sobre “escrita criativa não só vai ser ministrado através do PPGSS-UFRJ, como também será principalmente baseado em um livro, de título “Escrita acadêmica para quem? Divulgação e contra divulgação científica na cultura hegemônica”, o qual será editado em dois volumes (Bastos, 2023 e Bastos 2023b).

pressuposto teórico e assim, procederemos a oficina de escrita em função disso. Diante de alunos que queiram discutir as trabalhadoras domésticas, por exemplo, afora sugerir que pensem em adotar, ler e discutir o pressuposto teórico de Cida Bento (Bento, 2022; Césarre, 2022; Munanga, 2020), podemos fazer oficinas com a literatura de Flaubert (2015), Cruz (2022), Berlin (2017). De outro lado, se o objeto da pesquisa for a opressão contra o homem negro que o rubrica com o “não sujeito de direitos”, além de sugerirmos como pressuposto teórico a tese de doutorado do professor Daniel de Souza Campos (Campos, 2020), o texto de Anielle Franco (2022) e o livro de Helio Santos (2022), podemos fazer uma oficina com os contos de Lima Barreto (2010), com o livro de Oswaldo de Camargo, “30 poemas de um negro brasileiro” (Camargo, 2022) e assim por diante.

Considerações finais

A primeira conclusão deste capítulo aponta que se pode elaborar uma dissertação, uma tese de doutorado e outras investigações sistematizadas, sobretudo, através de três andaimes de pesquisa: o andaime acadêmico, o andaime metodológico-técnico e o andaime teórico-político. Sim, de um lado, há os que defendem que é só a valorização da aplicação do método e da técnica científica que se garante a qualidade da pesquisa. De outro, existem os que argumentam que a qualidade da pesquisa é garantida, antes de tudo, pela adoção de um pressuposto teórico adequado. Basta lembrar de que quando os dados são coletados, sejam através de fontes de papel (impressos e/ou online), sejam através de fontes de pessoas, para serem discutidos junto de um método e de uma técnica particular, eles poderão ganhar sentido, ser refutados ou afirmados pelo olhar crítico, inspirado nesse pressuposto adotado pelo processo da pesquisa.

Evidentemente, essas duas argumentações procedem, já que não há pesquisa sem a adoção de um método e uma técnica, bem como dificilmente leremos os dados coletados sem o pressuposto teórico, sob pena de olharmos para o fato e não conseguirmos interpretá-lo adequadamente, para averiguar ou não nossa hipótese/questão de estudo. Mas, além disto, há também outras questões acadêmicas que caso sejam inexistentes, não se concretizará o processo de pesquisa. Entre elas, ressaltam-se: além de “como formular um problema científico ou hipótese”; “como desenvolver uma pesquisa bibliográfica” (não se faz pesquisa, de qualquer tipo, sem lermos artigos em periódicos, e outras pesquisas de investigadores renomados/base scielo), aqui, há também um ponto vital para realização da pesquisa, que é a escrita acadêmica. Esta “escrita” é importante, nesse processo, principalmente por três fatores básicos: (1º) porque ela está presente na elaboração e na sustentação de um excelente projeto de pesquisa. Sim, quanto melhor for o “projeto”, maiores serão as chances de se realizar a pesquisa com excelência. (2º) além dela se expressar durante todas as fases desse projeto (sejam nos relatórios, sejam nas anotações e citações pela ABNT etc.), ela é imprescindível no momento que concluímos e tenhamos que defender tal pesquisa na banca de doutorado ou na banca de dissertação, e mesmo na publicação de artigos (quando já estivermos contratados como pesquisador e/ou como docente pesquisador em alguma universidade pública). (3º) Outro fator importante dessa escrita é que ela não só pode ser desenvolvida por diferentes formas, mas também, neste artigo, se trouxe à tona que, para que se alcance o grande público e que os resultados da pesquisa não se restrinjam apenas aos doutores/especialistas, podemos nos expressar por uma escrita criativa.

A terceira conclusão tem relação com essa escrita criativa, pois, além de ser uma das modalidades de expressão da escrita acadêmica, ela é uma expressão que tem a função de servir como uma ponte, a qual pode facilitar o trânsito entre a academia e o grande público, aumentando a compreensão sobre os conteúdos das pesquisas produzidas. Para tanto, sem banalizar a ciência, essa escrita lança mão de figuras literárias, metáforas e outros recursos de poetas e escritores, sobretudo, para ampliar a percepção da ciência, porém para pessoas de fora dos muros da universidade e dos centros de pesquisa. Assim, como essa escrita criativa já foi desenvolvida em outro artigo (Bastos, 2013), agora, que também está publicada em um livro (Bastos 2023, 2023b), estamos compartilhando tal conteúdo através de um curso que será oferecido aos mestrandos e doutorandos do PPGSS-UFRJ no segundo semestre de 2023.

A última conclusão do artigo se refere ao estudo da dissertação da Marielle Franco. Ela, através do Mestrado, na UFF, em 2014, defendeu sua pesquisa de dissertação, mas, em síntese, colocou pôr terra uma dita nova política de segurança pública para as favelas do Rio de Janeiro: as UPPS. Detalhe: à época, tal pesquisa foi ousada, pois, não só a grande mídia, os endinheirados e a maioria da população, estavam apoiando essas UPPS. Contudo, na contramão dessa visão hegemônica, fazendo uma pesquisa através desses três andaimes, como vimos, Marielle desvela que essa proposta de segurança pública que nasceu, com diziam, para pacificar a guerra nas favelas, para levar empregos, inserção social pelo consumo, tudo isso não passava de um “canto de sereia”, pelo menos do ponto de vista dos moradores das favelas em que elas foram implantadas. Enfim, ler a dissertação de Marielle sobre as UPPS, para finalizar, é como se estivéssemos lendo a obra do escritor Andersen, o qual, crítico da organização social de então, em paráfrase, já nos advertia: há contos de fadas que são criados para que “crianças” durmam, mas também para que adultos acordem (ANDERSEN, 2011).

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Cia das letras, 2019.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e a suas regras**. São Paulo: Loyola, 2000.
- ANDERSEN, Hans Cristian. **Contos de Hans Cristina Andersen**. Rio de Janeiro: Editora Paulinas, 2011.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1995.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1985.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARRETO, Lima. **Contos completos de Lima Barreto**. Organização e introdução de Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- BASTOS, Rogério Lustosa. **Ciências humanas e complexidades: métodos e técnicas de pesquisa**. O caos e a Nova Ciência. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

- BASTOS, Rogério Lustosa. A escrita acadêmica e a escrita literária. Marcuse e a estetização na produção do saber científico. *In*: MONTANO, C. & BASTOS, Rogério Lustosa (Orgs.). **Conhecimento e sociedade: ensaios marxistas**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.
- BASTOS, Rogério Lustosa. **Escrita Acadêmica para quem? Divulgação e Contra Divulgação Científica na Cultura Hegemônica**. (Vol. I). Xerox, 2023.
- BASTOS, Rogério Lustosa. **Escrita Acadêmica para quem? Divulgação e Contra Divulgação Científica na Cultura Hegemônica** (Vol. II). Xerox, 2023b.
- BECKER, Howard S. **Truques da escrita: para desenvolver e terminar teses, livros e artigos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BETO, Frei. **Ofício de escrever**. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Cia das letras, 2022.
- BERLIN, Lucia. **Manual da faxineira**. São Paulo: Cia das letras, 2017.
- BONDANIS, David. **E=mc²: uma biografia da equação que mudou o mundo e o que ela significa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- BRETON, André. **Nadja**. São Paulo: 100 cabeças, 2022.
- CAMARGO, Oswaldo de. **30 poemas de um negro brasileiro**. São Paulo: Cia das Letras, 2022.
- CAMPOS, Daniel de Souza. **O não lugar dos homens nas ações do Programa Bolsa Família: experiências de beneficiários e profissionais do município do Rio de Janeiro (2020)**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.
- CARRERO, Raimundo. **A luta verbal: a preparação do escritor**. São Paulo: Iluminuras, 2022.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a negritude. *In*: CÉSAIRE, Aimé. **Textos escolhidos: a tragédia do rei Christophe, discurso sobre o colonialismo, discurso sobre a negritude**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- CORTÁZAR, Julio. **Aulas de literatura**: Berkeley, 1980. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.
- CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. São Paulo: Cia das letras, 2022.
- CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Edição crítica e organização: Walnice Galvão. São Paulo: UBU, 2019.
- EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Porto Alegre: LPM, 2019.
- EINSTEIN, Albert. **A teoria da relatividade especial e geral**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- ESPINOSA, B. **Ética**. *In*: ESPINOSA, B. Pensamentos metafísicos; tratado da correção do intelecto, Ética. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D' água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.
- FAGUET, Émile. **A arte de ler**. Rio de Janeiro: Arte da palavra, 2009.
- FLAUBERT, Gustave. **Um coração simples**. São Paulo: Grua livros, 2015.

- FRANCO, Anielle. Além do genocídio, o Brasil de Marias, Marielles e Malês. *In*: SANTOS, Hélio. **A resistência negra ao projeto de exclusão racial**. São Paulo: Jandaíra, 2022.
- FRANCO, Marielle. **UPP, a redução da favela a três letras**: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro. São Paulo: E-N1, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afrolatino Americano**. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo, 2022.
- JESUS, Carolina de. **Casa de alvenaria** (volume I). São Paulo: Cia das letras, 2021.
- JESUS, Carolina de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.
- KING, Stephen. **Sobre a escrita**: a arte em memórias. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- KOCH, Stephen. **Oficina de escritores**: um manual para arte da ficção. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. São Paulo: Cia das letras, 2009.
- LODGE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: LPM, 2009.
- MARCHIONI, Rubens. **Escrita criativa**: da ideia ao texto. São Paulo: Contexto, 2021.
- MORA, Ana Maria Sánchez. **A divulgação da ciência como literatura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MOURA, Lucia Seidl et al. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: uso e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica & literatura**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- QUIVY, Raymond & CAMPANHOUT, LucVan. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.
- ROBINSON, Cedric J. **Marxismo negro: a criação da tradição radical negra**. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. São Paulo: Boitempo, 2022.
- SAER, Juan José. **O conceito de ficção**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2022.
- SANTOS, Hélio (Org.) **A resistência negra ao projeto de exclusão racial**: Brasil 200 anos (1822-2022). São Paulo: Jandaíra, 2022.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **Um pouco de método**: nos estudos literários em particular, com extensão às humanidades em geral. São Paulo: E-Realizações, 2016.
- SILVEIRA, Nise. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995.
- TOKARCZUK, Olga. **Escrever é muito perigoso: ensaios e conferências**. São Paulo: Todavía, 2023.
- VIEIRA, Cássio Leite. **Pequeno Manual de Divulgação Científica. Dicas para cientistas e divulgadores de ciência**. Rio de Janeiro: Ciência Hoje, 2006.
- WACQUANT, Loic. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WACQUANT, Loic. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

WACQUANT, Loic. Rumo à militarização urbana. *In: Discursos sedicioso: crime, direito e sociedade*. Ano II, número 15/16. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ZINSSER, William. **Como escrever bem**: o clássico manual americano da escrita jornalística e de não ficção. São Paulo: Três estrelas, 2017.